

JOSÉ EDUARDO FRANCO
LUIZ EDUARDO OLIVEIRA

O MARQUÊS DE POMBAL
E A
UNIFICAÇÃO DO BRASIL

Pombalismo, História e Literatura

Prefácio
Kenneth Maxwell

TEMAS E DEBATES

Sumário

PREFÁCIO, por Kenneth Maxwell.....	11
INTRODUÇÃO	21
I O Marquês de Pombal e a unificação do Brasil: Coordenadas históricas	25
II Vieira precursor de Pombal – Pombal detrator de Vieira.....	45
III A consolidação dos estudos pombalinos em Portugal e no Brasil...	65
IV A reforma pombalina e o ensino de literatura no Brasil	159
V O Marquês de Pombal como personagem literária internacional...	173
Conclusões provisórias	211
Bibliografia dos autores sobre estudos pombalinos e origens dos textos que estiveram na base deste livro	215
Gravuras, pinturas do Marquês de Pombal e fotografias dos principais monumentos pombalinos.....	241

PREFÁCIO

A grande força da presente obra é a sua análise abrangente das interpretações que envolvem as políticas brasileiras de Sebastião José de Carvalho e Melo, conde de Oeiras e Marquês de Pombal (1699-1782). Além disso, fornece uma análise bibliográfica englobante destes escritos ao longo dos últimos dois séculos.

A controvérsia é inescapável. Afinal, foi do Brasil que os Jesuítas foram expulsos pela primeira vez, em 1758, seguindo-se a sua proscrição e expulsão de todo o império português, a 3 de setembro de 1759. As missões jesuítas no Uruguai, Paraguai e no sul do Brasil opuseram-se à implementação do Tratado de Madrid, de 1750, assinado entre Portugal e Espanha. Entre 1753 e 1756, uma expedição militar conjunta portuguesa e espanhola havia enfrentado e eventualmente derrotado e destruído as missões guaranis ao longo das margens do rio Paraná. Posteriormente, também a França reprimiu os Jesuítas, em 1764, e a Espanha fez o mesmo, em 1767. Por fim, em 1773, a Companhia de Jesus foi dissolvida pelo papa Clemente XIV. Este foi, por qualquer forma, um evento «histórico mundial». A primeira missão jesuíta no exterior havia acontecido no Brasil. Em 1549, o padre Manuel da Nóbrega havia chegado a Salvador da Baía com o primeiro governador-geral do Brasil, Tomé de Sousa. O Brasil forneceu púlpitos aos mais famosos missionários e pregadores jesuítas, desde o padre José de Anchieta, em São Paulo (canonizado em 2014), ao padre António Vieira, na Baía, e ao padre Gabriel Malagrida, no Maranhão. A expulsão dos Jesuítas teve grandes consequências internacionais, que Pombal bem reconheceu.

Noz termos do Tratado de Madrid, como comissário português para a zona de demarcação sul, Lisboa nomeou Gomes Freire de Andrada, então governador do Rio de Janeiro e das capitanias do Sul. Para o Norte e para a bacia do Amazonas, Pombal enviou, em 1751, o próprio irmão, Francisco Xavier de Mendonça Furtado (1701-1769), com a responsabilidade acrescida de governador e capitão-geral das capitanias unidas do Grão-Pará e Maranhão. As missões jesuítas na América do Sul estenderam-se pelo interior estratégico, entre os impérios espanhol e português, do Uruguai ao Paraguai e pelo interior da bacia amazónica (cf. Cortesão, 1984, III, p. 754; Furtado, 2013, pp. 505-527).

Os Jesuítas eram altamente vulneráveis às políticas expansionistas conflitantes de ambas as potências europeias. Assegurar a fronteira do extremo oeste do Brasil contra os espanhóis e na bacia amazónica seria uma prioridade do domínio de Pombal. A consolidação da estrada fluvial das monções ligava São Paulo a Cuiabá, e, finalmente, uniria o Mato Grosso a territórios da Amazônia, via Guaporé, Mamoré, Madeira e Amazonas, até Belém. Esta foi uma das maiores conquistas do domínio pombalino e ajudou a assegurar esta vasta região interior sob domínio português. Estes objetivos geopolíticos foram reforçados com a criação da Companhia Geral de Comércio do Grão-Pará e Maranhão, em 1755. Quatro anos mais tarde, foi criada a Companhia Geral de Comércio de Pernambuco e da Paraíba. Na carta «muito secreta» que escreveu a Gomes Freire como suplemento das instruções formais, Pombal delineava as ambições que alimentava relativamente à América portuguesa: «Como a força e a riqueza de todos os países consistem principalmente no número e na multiplicação da gente que o habita, este número e multiplicação de gente se faz ainda mais indispensável agora na raia do Brasil para a sua defesa.» Era essencial abolir «toda a diferença entre portugueses e tupis, e atrair os índios que viviam nas missões dos jesuítas no Paraguai e encorajar o casamento deles com pessoas

de origem europeia».* Instruções dadas a Mendonça Furtado refletem objetivos semelhantes. Recomendou-lhe Pombal que libertasse os índios da titularidade dos religiosos e encorajasse a miscigenação entre índias e portugueses, de modo a assegurar o crescimento constante da população e o estímulo da importação de africanos escravizados.

Manuel Teles da Silva, conhecido como duque Silva-Tarouca, havia sido amigo íntimo de Pombal, quando, ainda enquanto conde, servira, entre 1745 e 1749, como embaixador português em Viena. O duque, que havia sido o principal patrocinador do casamento de Pombal com a condessa Maria Leonora Ernestina von Daun, era um emigrante aristocrático português que tinha ascendido a lugares importantes ao serviço do estado austríaco. Em 1732, o imperador austríaco Carlos VI concedeu-lhe o título de duque Silva-Tarouca. Escrevendo privadamente a Pombal a partir de Viena, em 1752, Silva-Tarouca estava entusiasmado com a política brasileira de Pombal:

Os reis de Portugal podem vir sucessivamente a ter [no Brasil] um império, como o da China, e ainda maior que a França, Alemanha e Hungria, unidos se fosse num só corpo... Cuidemos, pois, em povoá-lo de qualquer modo que seja. Mouro, branco, negro, índio, mulato ou mestiço, tudo serve, todos são homens... Não servindo de nada muitas mil léguas de desertos, nem se podendo sem homens defender as fronteiras e as pessoas.**

No sul do Brasil, as forças das missões guaranis foram criadas para repelir bandos de rapina, a maior parte deles vinda de São Paulo, não estando preparadas para enfrentar as tropas organizadas de exércitos europeus. A vitória luso-espanhola nas guerras guaranis

* Carta secretíssima de Pombal para Gomes Freire de Andrada, Lisboa, 21 de setembro de 1751 (Mendonça, 1960).

** Carta de Silva-Tarouca para Pombal, Viena, 21 de agosto de 1752, *Anais da Academia Portuguesa de História*, Lisboa, 323-329; cf. Instruções régias para Mendonça Furtado (Mendonça, 1963, I, pp. 26-31).